
O CONHECIMENTO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO SOBRE A PROFILAXIA PREP-HIV EM CASAS NOTURNAS EM REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA-GOIÁS

THE KNOWLEDGE OF SEX PROFESSIONALS ABOUT PREP-HIV PROPHYLAXIS IN NIGHTHOUSES IN THE METROPOLITAN REGION OF GOIÂNIA-GOIÁS

Laline Vaz da Costa Albernaz^a, Sarah Lilian Vital Vieira^a, Vanusa Alves Soares^a, Wesley José Moreira Garcia^{b*}

a – Centro Universitário Goyazes. Rodovia GO-060, KM 19, 3184 - St. Laguna Park, 75393-365, Trindade - GO, Brasil.

b – Universidade Federal de Goiás. Av. Esperança, s/n - Chácara de Recreio Samambaia, 74690-900, Goiânia - GO, Brasil.

*Correspondente: wm.garcia@hotmail.com

Resumo

Objetivo: Avaliar o nível de conhecimento a respeito da profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) pelas profissionais do sexo que trabalham em casas noturnas em um município da região centro-oeste goiano. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa e análise com base na estatística simples. Foi aplicado um questionário com perguntas objetivas, para verificar o nível de conhecimento sobre a PrEP-HIV entre as 18 profissionais do sexo que trabalhavam em casas noturnas do município de Trindade-GO no mês de dezembro de 2018. **Resultados:** Apenas 22,2% demonstraram ter conhecimento da profilaxia PrEP-HIV, 5,6% alegaram conhecimento parcial e 72,8% disseram não ter conhecimento. Cerca de 89% das entrevistadas nunca tiveram a intenção ou procuraram a PrEP-HIV em alguma unidade de saúde e apenas 11% das participantes já tiveram interesse pela medicação. **Conclusão:** A PrEP-HIV é altamente eficaz na prevenção do HIV, reforçando assim, junto à população envolvida no presente estudo, a importância do conhecimento e do uso da medicação voltada a prevenção do HIV.

Palavras-chave: Profissional do sexo. PrEP-HIV. Prevenção.

Abstract

Objective: To evaluate the level of knowledge about pre-exposure prophylaxis (PrEP-HIV) by sex workers who work in nightclubs in a city in the central-west region of Goiás. **Materials and Methods:** This is a descriptive, exploratory study with a quantitative and qualitative approach



and analysis based on simple statistics. A questionnaire with objective questions was applied to verify the level of knowledge about PrEP-HIV among the 18 sex workers who worked in nightclubs in the city of Trindade-GO in December 2018. Results: Only 22.2% demonstrated knowledge of PrEP-HIV prophylaxis, 5.6% claimed partial knowledge and 72.8% said they had no knowledge. About 89% of the interviewees had never intended or sought PrEP-HIV in any health unit and only 11% of the participants had ever been interested in the medication. Conclusion: PrEP-HIV is highly effective in HIV prevention, thus reinforcing, with the population involved in this study, the importance of knowledge and use of medication aimed at HIV prevention.

Keywords: Sex work professionals. PrEP-HIV. Prevention.

Introdução

No mundo, o número de infectados pelo HIV pode chegar aos 33 milhões e cerca de 620 mil pessoas podem estar infectadas com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) no Brasil (WHO, 2017). Conforme explica Levy (2010), o HIV foi identificado pela primeira vez no ano de 1983, sendo esse o agente causador da AIDS. No entanto, o primeiro caso relatado de infecção por HIV ocorreu no ano de 1959 e a fase epidêmica foi notabilizada em 1981. O agente etiológico é um retrovírus - vírus da subfamília dos lentivírus. Esse grupo de vírus se manifesta por infecção persistente, caracterizando-se por ter replicação dependente de um DNA de dupla-hélice intermediário (provírus) integrado ao genoma da célula hospedeira (Levy, 2010).

No Brasil, grande parte da população vive em situação de miséria, com insuficientes oportunidades de emprego, ausência de formação e falta de conhecimento profissional. Pelo fato de viverem em condições pouco valorizadas, algumas mulheres que ganham menos que os homens, acabam buscando ter mais lucratividade em sua vida, passando a se prostituir, tornando-se assim, profissionais do sexo (PAIVA et al., 2013).

De acordo com estudos realizados no Brasil, são demonstradas taxas de prevalência de HIV de 4,9% entre mulheres profissionais de sexo; 5,9% entre pessoas que usam drogas (exceto álcool e maconha); 10,5% entre HSH (homens que fazem sexo com homens) e 31,2% entre pessoas trans (BRASIL, 2017).

A Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP, do inglês *Pre-Exposure Prophylaxis*) consiste no uso de antirretrovirais (ARV) por pessoas soronegativas para reduzir o risco de adquirir a infecção pelo HIV. Os esquemas mais estudados são: o emprego diário de tenofovir

(TDF) ou da combinação de TDF com emtricitabina (FTC) (HALLAL et al., 2015). Essa estratégia é considerada segura e eficaz em indivíduos com risco acrescentado de adquirir a infecção (BRASIL, 2017).

Os novos conhecimentos sobre a redução de risco de transmissão sexual do HIV pelo emprego de estratégias compatibilizadas ao uso de ARV expandem possibilidades de intervenção para profissionais do sexo e casais sorodiscordantes (parceiros com sorologias distintas para o HIV). Para tanto, é de suma importância o conhecimento por parte da população sobre a profilaxia pré-exposição, denominada de PrEP (GREENE et al., 2014).

Já no Brasil, a comercialização e o uso do medicamento não se encontram legalizados, mesmo que nos últimos anos tenham sido realizados debates e ações voltados sobre sua implantação. Foi anunciado pelo Ministério da Saúde no ano de 2015, um estudo nacional com HSH propendendo que a distribuição de PrEP seja distribuída de maneira gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em hospitais e em postos especializados no tratamento e prevenção de IST/AIDS (QUEIROZ; SOUZA, 2017).

A escolha pelo presente tema justifica-se pela importância que a PrEP-HIV, desenvolvida recentemente e disponibilizada pelo Ministério da Saúde, representa na evolução da prevenção contra o HIV. Os profissionais do sexo, ainda que trabalhadores de casas noturnas, estão mais expostos à contaminação por IST, entre elas o HIV. Avaliar o nível de conhecimento dos mesmos a respeito de estratégias de prevenção a tais doenças se faz necessário, pois, informações relevantes contribuem para a manutenção da saúde e, principalmente, previne a contaminação pelo HIV.

O objetivo geral deste estudo, portanto, é avaliar o nível de conhecimento a respeito da profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) pelos profissionais do sexo que trabalham em casas noturnas em um município da região metropolitana de Goiás.

Material e Métodos

Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa e análise com base na estatística simples. O estudo foi desenvolvido no mês de dezembro de 2018 no município de Trindade (GO), pertencente à região metropolitana de Goiânia. Trindade possui um território municipal de 710,328 Km², com cerca de 103 bairros e população aproximada de

104,488 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018)¹.

População e amostra do estudo

A pesquisa teve como alvo populacional 18 profissionais do sexo que trabalhavam em casas noturnas do município de Trindade – GO.

Crítérios de inclusão e exclusão

Participaram da pesquisa somente profissionais do sexo que trabalhavam em casas noturnas, sendo todas do sexo feminino, acima de 18 anos de idade no município de Trindade – GO e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram excluídas da pesquisa as participantes que, mesmo após terem assinado o TCLE, se recusassem, se sentissem constrangidas em responder o questionário ou as que solicitassem a retirada dos seus dados após a participação.

Instrumento para coleta de dados

Primeiramente foi explicado e aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) às profissionais do sexo que trabalhavam nas casas noturnas, em duas vias, para autorização da mesma. Logo em seguida foi aplicado um questionário que foi elaborado com base no questionário validado da Revista da Escola Paulista de Enfermagem do ano de 2017 (POGETTO, et al 2017), com perguntas objetivas, para verificar o nível de conhecimento sobre a prevenção PrEP-HIV dos profissionais do sexo que trabalhavam no ambiente.

No entanto, deve ser levado em consideração o risco com o resultado da pesquisa com o preenchimento incorreto do questionário ou a falta da verdade do sujeito da pesquisa. A fim de diminuir esses riscos, o questionário foi aplicado em local reservado para garantir a privacidade da participante.

¹ Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=IBGE+trindade+Goi%C3%A1s+habitantes&oq=IBGE+trindade+Goi%C3%A1s+habitantes&aqs=chrome..69i57j3312.5909j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 04 set. 2018.

Análise dos dados

Após a coleta das informações, os dados foram submetidos à análise estatística simples e transferidos para planilhas do programa Excel 2007 para a construção dos gráficos e tabelas, os quais foram analisados à luz do conhecimento e opinião das autoras.

Questões Éticas

Os resultados deste estudo foram utilizados exclusivamente para fins científicos. A realização deste estudo considerou a resolução N°466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que domina sobre a ética da pesquisa envolvendo seres humanos direta ou indiretamente, assegurando a garantia de que a confidencialidade e a privacidade do sujeito da pesquisa fossem preservadas. Portanto, o estudo só foi iniciado após a aprovação do CEP da Faculdade União de Goyazes.

Resultados e Discussão

Foram entrevistadas 18 profissionais do sexo que trabalhavam em casas noturnas no município da Trindade em dezembro de 2018. As características sociodemográficas das participantes são apresentadas na Tabela 1:

Tabela 1 – Características sociodemográficas das participantes do estudo.

Características	N	%
Sexo		
Feminino	18	100
Masculino	0	0
Faixa Etária		
18 a 25 anos	2	11,11
26 a 30 anos	10	55,56
Acima de 30 anos	6	33,33
Escolaridade		
Ensino Fundamental Incompleto	4	22,22
Ensino Fundamental Completo	3	16,67
Ensino Médio Incompleto	5	27,78
Ensino Médio Completo	2	11,11
Ensino Superior Incompleto	3	16,67
Ensino Superior Completo	1	5,55
Tem Filhos?		
Sim	14	77,78

Não	4	22,22
Tempo que trabalha em casas noturnas		
Menos de 1 ano	1	5,56
De 2 a 4 anos	11	61,11
Acima de 5 anos	6	33,33

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

A maioria das entrevistadas tem de 26 a 30 anos, apresentando uma média de idade de 26 anos. Os achados se assemelharam aos de Pogetto et al. (2011) que apresentou uma média de idade de 26,1 anos entre a população estudada. Outra pesquisa semelhante realizada na cidade de Pau dos Ferros/RN por Paiva et al. (2013), constatou uma faixa etária das profissionais do sexo variando entre 18 a 45 anos de idade.

Com relação ao nível de escolaridade, a prevalência foi o Ensino Médio Incompleto 27,78% (5), seguido 22,22% (4) do Ensino Fundamental Incompleto, 16,67% (3) com Ensino Fundamental Completo, 11,11% (2) Ensino Médio Completo, 16,67% (3) Ensino Superior Incompleto e 5,55% (1) com Ensino Superior Completo. No estudo realizado por Moura e colaboradores em 2010 foi mostrado que a maioria das participantes não tinha nem o ensino médio completo. Para os autores, o baixo nível de escolaridade encontra-se relacionado às dificuldades das participantes em encontrar outro emprego, tornando-se um empecilho para a integração das profissionais do sexo no mercado de trabalho.

Das entrevistadas, 77,78% (14) possuem filhos e 22,22% (4) não possuem. Comparando os achados com os de Paiva et al. (2013), verificou-se no presente estudo um maior índice de mulheres com filhos, enquanto que naquele, 50% das participantes tinham filhos.

Dentre as entrevistadas, 61,11% (11) atuam como profissional do sexo entre 2 a 4 anos e 33,33% (6) acima de 5 anos. Estudo de Paiva e colaboradores realizado com dez profissionais do sexo em 2013, apontou que 1 participante (10%), trabalhava como profissional do sexo há menos de um ano e que 6 participantes (60%) trabalhavam entre 2 a 10 anos.

Os dados relacionados ao uso de preservativos nas relações sexuais pelas participantes do estudo encontram-se expostos na Figura 1.

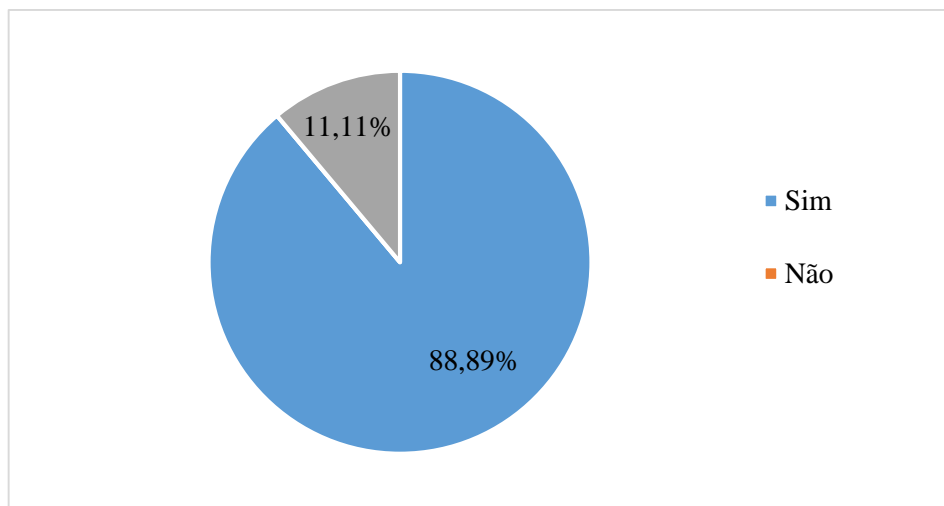


Figura 1 - Uso de preservativos nas relações sexuais.

Fonte: elaborada pelos autores (2019).

Entre as profissionais, 88,89% (16) disseram usar preservativo, nenhuma participante respondeu a opção “não” e 11,11% (2) disseram que usam às vezes. Quando questionadas ao fato de não utilizarem preservativo, algumas relataram que, na maioria das vezes, os parceiros não gostam ou que as mesmas se encontram sob efeito do álcool e drogas e acabam esquecendo-se de usar. Estudo realizado por Moura et al. (2010), apresentou que mulheres profissionais do sexo utilizam drogas ilícitas e álcool com frequência, ocasionando uma redução no uso de preservativos. Os mesmos autores afirmaram que o uso de drogas por essas mulheres é grande, ampliando assim a vulnerabilidade das mesmas em contrair ou mesmo transmitir uma ou mais IST, pois a competência em negociar o uso de preservativos com os clientes pode ser abrandada.

No estudo de Paiva et al. (2013), foram entrevistadas dez profissionais do sexo feminino, das quais 1 (10%), não utilizava preservativo durante a relação sexual e 9 (90%) usavam. Neste estudo, uma das entrevistadas relatou que combinava com os clientes o valor do programa e as práticas que não aceitava, como, por exemplo, o sexo sem proteção.

Para Gomes et al. (2012), o uso regular da camisinha é considerado um dos mais ativos métodos de prevenção contra HIV e outras IST. Contudo, mesmo sabendo dos riscos que correm, profissionais do sexo encontram um certo tipo de dificuldade em controlar o uso do preservativo masculino, ficando na maioria das vezes sob a autoridade do homem.

Grangeiro et al. (2015) ressaltam que é de suma importância que os indivíduos, principalmente os profissionais do sexo, combinem métodos preventivos (não apenas preservativos, relações não penetrativas e uso do teste anti-HIV para selecionar parceiros ou

escolher o tipo de prática sexual), ocasionando assim, mudanças respeitáveis na forma como os mesmos e os grupos sociais lidam com os riscos e a prevenção, o que reflete em maior autonomia diante da epidemia do HIV em todo o mundo.

Para quem não utiliza métodos clássicos, como o uso de preservativo durante a relação sexual, Queiroz e Souza (2017), recomendam o uso da profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) como outro tipo de alternativa de prevenção ao HIV.

Na Figura 2 são visualizados os dados da sorologia positiva para o HIV. Dentre as entrevistadas, 94,44% disseram não ser soropositivas e apenas 5,56% (1) preferiu não responder.

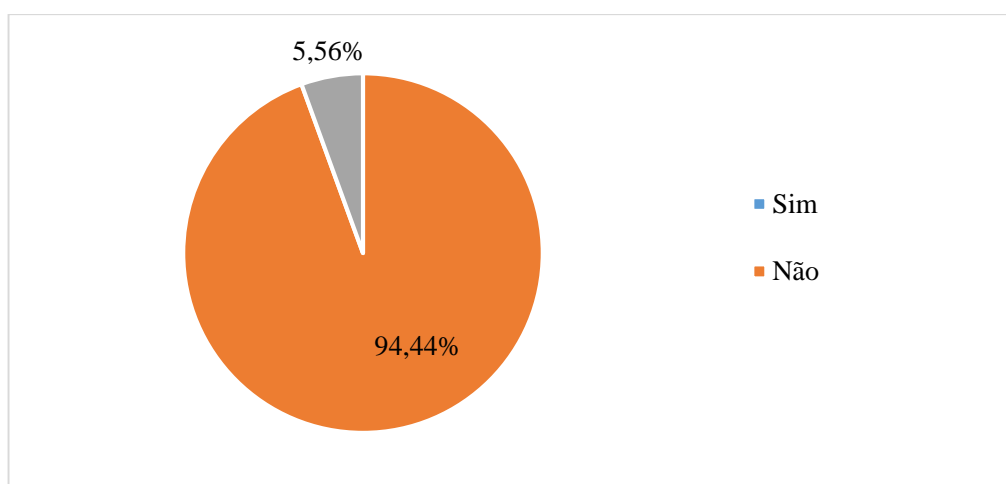


Figura 2 - Sorologia positiva para HIV.

Fonte: elaborada pelos autores (2019)

Quando questionadas quanto à realização do teste rápido para HIV e outras IST, 66,67% (12 participantes) disseram já tê-lo realizado. As demais participantes 33,33% (6) afirmaram não ter realizado o teste por desconhecimento do mesmo, assim como mostrado no Figura 3. Tais achados se assemelham aos de Sousa et al. (2017) nos quais 69% das profissionais do sexo realizaram o teste rápido para HIV e outras IST, 17% nunca o tinham feito e 14% realizavam-no periodicamente. Essa frequência pode ser justificada pelo fato das profissionais terem receio ou vergonha de procurar os serviços de saúde, em virtude da atividade da qual exercem ou até mesmo pelo medo de serem diagnosticadas com algum tipo de doença.

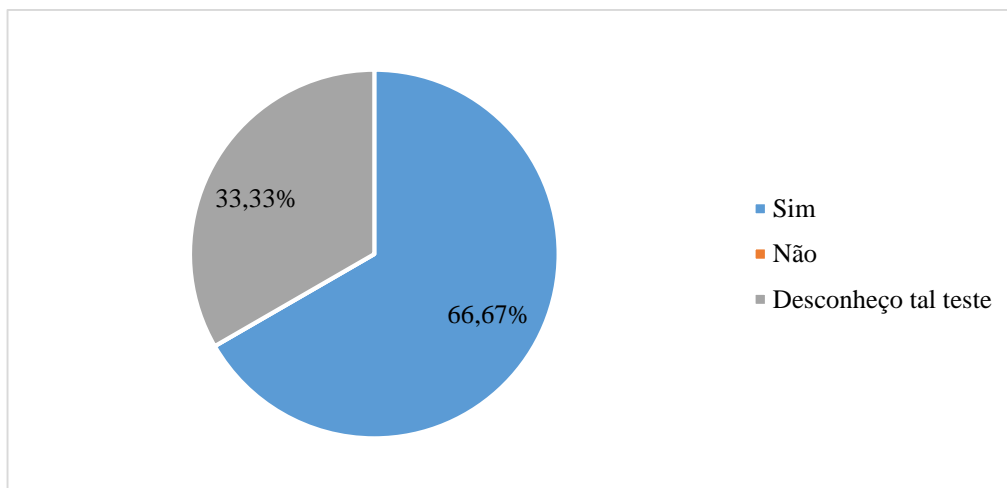


Figura 3 - Realização do teste rápido para HIV e outras IST.

Fonte: elaborada pelos autores (2019)

Conforme exposto na Figura 4, 72,22% das entrevistadas (13) disseram que nunca adquiriram alguma IST incluindo o HIV e 27,78% (5) disseram que já tiveram alguma IST. Tais achados diferem dos de Paiva et al. (2013), os quais mostraram que apenas 10% das profissionais (1) já tiveram algum tipo de IST. Os resultados do presente estudo podem ser justificados pela multiplicidade de parceiros das profissionais do sexo, assim era de esperar que a maioria das mulheres relatasse alguma IST da qual houvesse sido acometida durante sua vida profissional, como visto em Moura et al. (2010). Os estudos supracitados têm advertido que esse tipo de doença é um fato real na vida de profissionais do sexo, em consequência do não uso do preservativo em todas as relações sexuais com seus clientes.

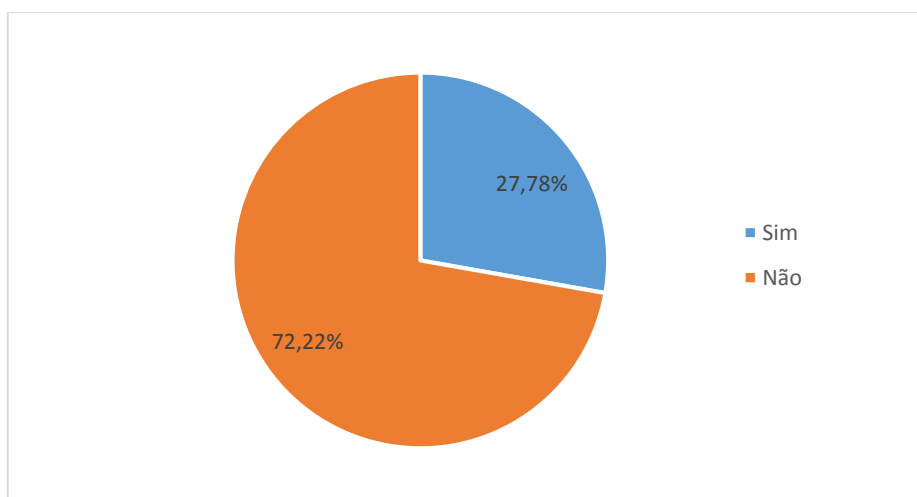


Figura 4 - Aquisição de alguma IST, exceto o HIV.

Fonte: elaborada pelos autores (2019)

Em pesquisa realizada por Pogetto et al. (2011), foi analisada a prevalência das IST entre as profissionais do sexo e constatado que 71% das mulheres haviam sido contaminadas por alguma doença, incluindo o HIV. Comparando com os achados do presente estudo, pode-se supor que parte das entrevistadas possa ter omitido algum episódio de IST, tanto pelo fato de não se sentirem à vontade em falar de sua intimidade, quanto pelo medo de serem discriminadas pela sociedade.

Através dos dados sobre as IST, pode-se dizer que mesmo sendo desenvolvidas ações preventivas pelas unidades de saúde ou por mídias sociais, as mesmas ainda não são suficientes, sendo necessária a realização de melhores intervenções voltadas à prevenção de possíveis doenças, junto às profissionais do sexo.

A Tabela 2 apresenta o conhecimento das participantes relacionado aos riscos de contrair HIV e os meios de prevenção contra o mesmo.

Tabela 2 - Conhecimento sobre os riscos de contrair HIV e sobre os meios de prevenção contra o HIV.

Conhecimentos	N	%
Riscos de contrair HIV		
Sim	18	100
Não	0	0
Parcialmente	0	0
Conhecimento sobre os meios de prevenção contra o HIV		
Sim	18	100
Não	0	0
Parcialmente	0	0

Fonte: elaborada pelos autores (2019)

Foi verificado que todas as entrevistadas têm conhecimento sobre os riscos de se contrair HIV e conhecimento sobre os meios de prevenção contra o HIV. Posteriormente, as participantes foram questionadas se já tiveram acesso aos manuais e cadernos do Ministério da Saúde referentes ao manejo de IST (Figura 5).

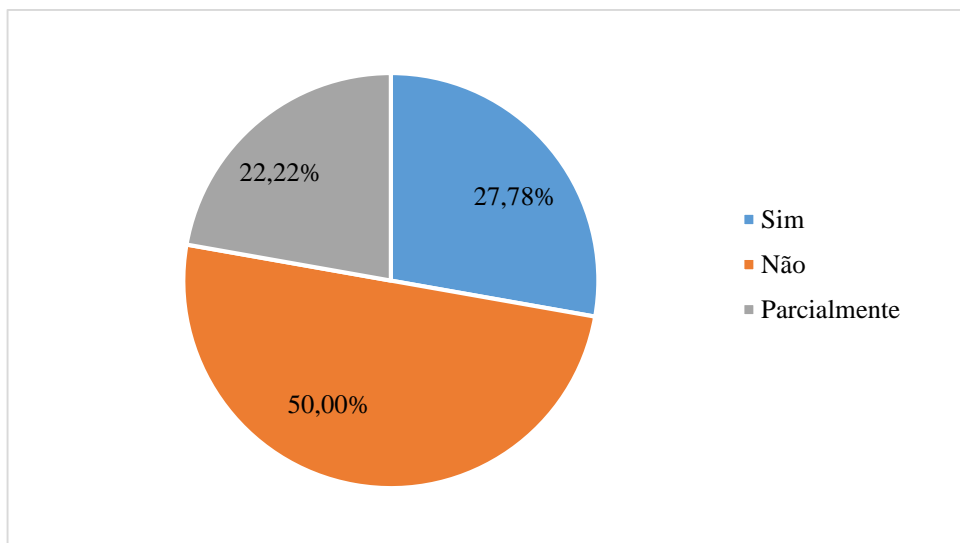


Figura 5 - Acesso aos manuais e cadernos do Ministério da Saúde referentes ao manejo de IST.

Fonte: elaborada pelos autores (2019).

Dentre as entrevistadas, 50,0% (9), não tem acesso aos cadernos do Ministério da Saúde referentes ao manejo de IST, 27,78% (5) disseram que sim e 22,22% (4), parcialmente. Não foram encontrados dados na literatura que justificassem tais resultados.

Quanto ao conhecimento das participantes sobre a profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) mostrado na Figura 6, apenas 22,22% (4) das mesmas demonstraram ter conhecimento, seguido de 5,56% (1) que apresentaram conhecimento parcial e 72,22% (13 participantes) que disseram não ter conhecimento.

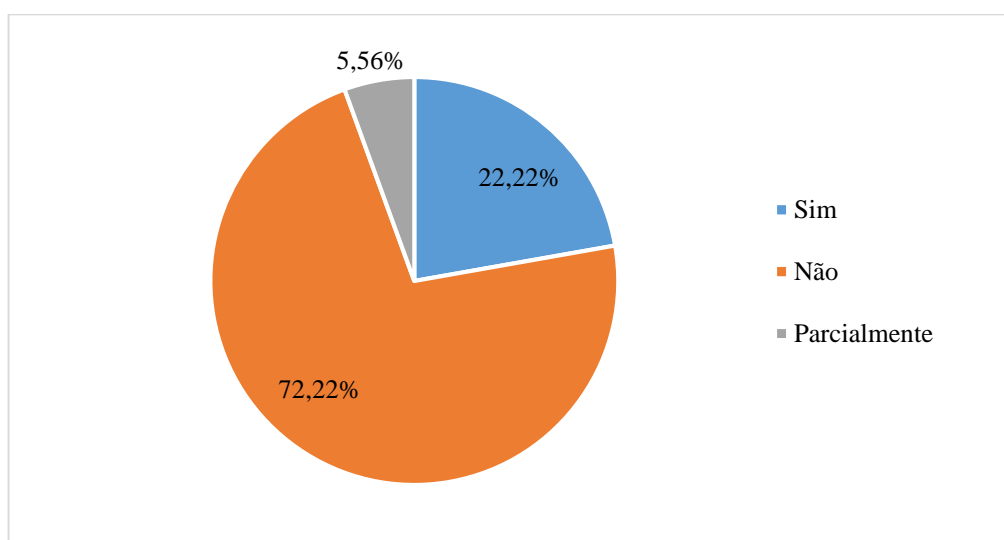


Figura 6 - Conhecimento das participantes sobre a profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV).

Fonte: elaborada pelos autores (2019)

Nos achados de Grant et al. (2010 apud Queiroz e Sousa, 2017), foi mostrado que nos ensaios clínicos envolvendo o uso da profilaxia pré-exposição (PrEP), os indivíduos tiveram uma redução de 92% a 100% do risco de contraírem o HIV. Na adequação de tais resultados aos do presente estudo, seria de suma importância que as profissionais do sexo envolvidas neste estudo tivessem melhores conhecimentos sobre este método preventivo contra o HIV, pois essa população acaba se tornando mais vulnerável pelo fato de terem vários parceiros, os quais na maioria das vezes não fazem uso de preservativo. Assim sendo, a PrEP, seria uma importante ferramenta preventiva contra o HIV.

Assim como mostra a Figura 7, maioria das entrevistadas 88,89% (16), nunca tiveram a intenção ou procuraram alguma unidade de saúde com o intuito de encontrarem a PrEP-HIV. Apenas 11,11% (2) das participantes do estudo já tiveram interesse pela medicação.

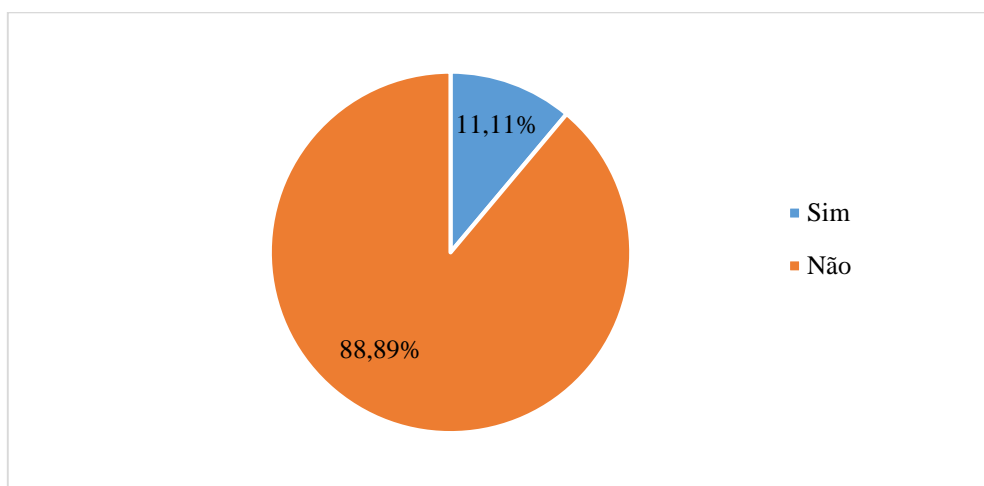


Figura 7 - Procura das participantes por alguma unidade de saúde para a obtenção da PrEP, caso disponível.

Fonte: elaborada pelos autores (2019).

De acordo com Queiroz e Souza (2017), as unidades de saúde pública têm ofertado aos indivíduos métodos preventivos fundamentados em ARV. Um dos fatores que poderia justificar essa falta de procura por parte da população do presente estudo seria o fato de que, no Brasil, a medicação passou a ser disponibilizada apenas no ano de 2017.

Dentre as entrevistadas, 77,78% (14 participantes) já imaginaram tomar um comprimido da medicação por dia a fim de diminuir as chances de contrair HIV em caso de uma exposição e 22,22% (4 participantes) não acharam importante. Tais informações são visualizadas na Figura 8.

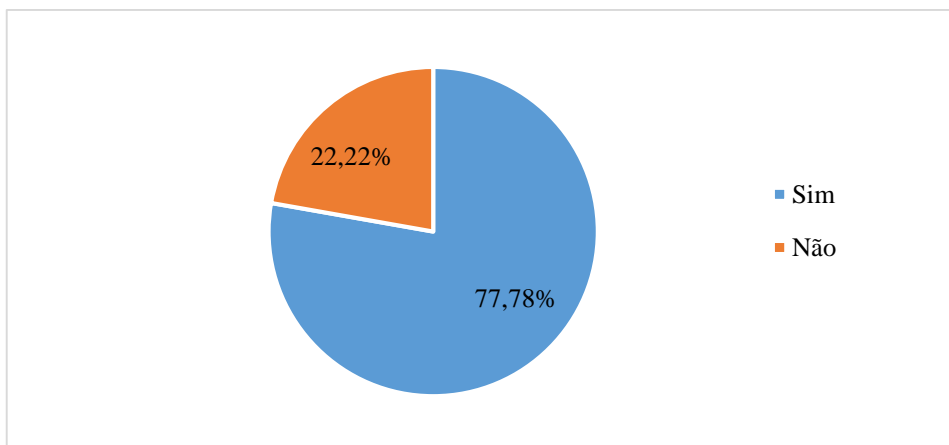


Figura 8 - Já imaginou tomar um comprimido por dia e diminuir de maneira significativa as chances de contrair o HIV em caso de uma exposição?
 Fonte: elaborada pelos autores (2019).

A PrEP, segundo Nikolopoulos et al. (2017), é altamente eficaz na prevenção do HIV em indivíduos aderentes e de alto risco, além de ser bem tolerada. Para tanto, é de suma importância que as profissionais do sexo envolvidas no estudo passem a tomar o comprimido com a finalidade de diminuir as chances de se contaminarem.

Ao final, foi perguntado às participantes se as mesmas utilizariam a profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) após o seu conhecimento e 94,44% (17) afirmaram que sim e 5,56% (1) afirmaram que não, assim como pode ser visto na Figura 9.

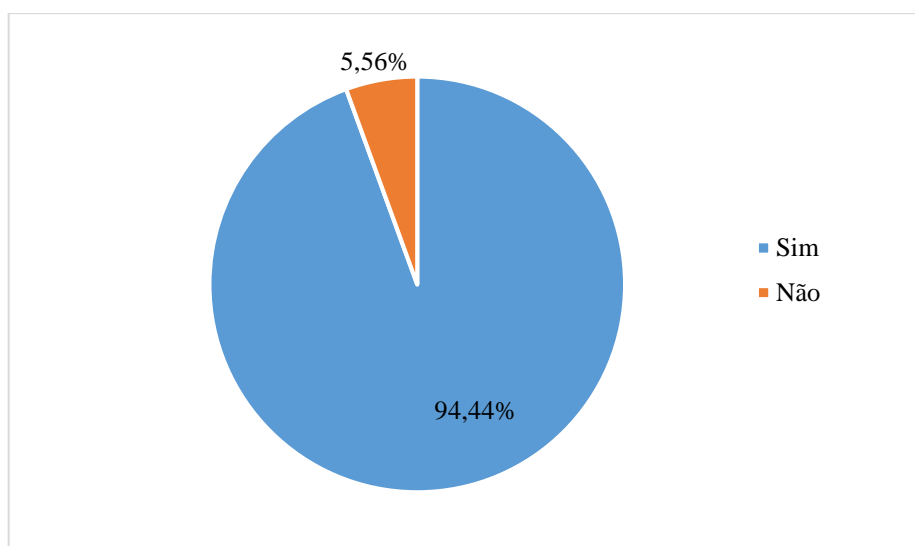


Figura 9 - Profissionais do sexo que utilizariam profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) após o conhecimento.
 Fonte: elaborada pelos autores (2019).

Para que os indivíduos possam utilizar a profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV), é importante que tenham conhecimento sobre a mesma e sua eficácia. De acordo com o Ministério da Saúde (2017), é essencial que os indivíduos sejam orientados de maneira adequada, garantindo assim melhores resultados da PrEP. Para tanto, é de suma importância que as unidades de saúde desenvolvam campanhas voltadas a toda população oferecendo informações eficazes sobre a profilaxia, abrangendo aspectos pertinentes ao uso do medicamento.

É preconizado ainda pelo Ministério da Saúde, que nas relações sexuais anais, a utilização da PrEP seja realizada sete dias antes e depois, para que possa alcançar a proteção, e para relações vaginais, são indispensáveis aproximadamente vinte dias de uso (BRASIL, 2017). O uso do medicamento deve ser diário, independente do horário. A concentração da droga no organismo é mantida com quatro ou mais dias de uso do medicamento por semana.

Além do conhecimento sobre o tempo para se alcançar proteção, é importante saber o tempo considerado como interrupção/finalização da profilaxia. A redução dos níveis ideais de proteção ocorre entre três e sete dias contínuos sem o uso do medicamento. Assim sendo, é recomendado pelo Ministério da Saúde que posteriormente sete dias de uso do medicamento, os indivíduos realizem a reintrodução da PrEP seguindo os mesmos procedimentos de início de profilaxia, com a realização de teste anti-HIV e a investigação da presença de sinais e sintomas de infecção aguda e outras IST. Para indivíduos que relatam relações sexuais penetrativas com risco de exposição ao HIV nas últimas 72 horas, deve-se considerar a possibilidade de indicar PEP (Profilaxia Pós-Exposição ao HIV) (BRASIL, 2017).

O conhecimento sobre os efeitos adversos também é importante, onde os indivíduos podem ter náuseas, enjoos, diarreias e gases (ANDERSON et al., 2011).

Considerações finais

Diante de estudos realizados ficou demonstrado que a profilaxia pré-exposição (PrEP-HIV) é altamente eficaz na prevenção do HIV, reforçando assim, junto à população envolvida no presente estudo, a importância do uso da medicação voltada à prevenção do HIV.

Embora alguns fatores relacionados ao contexto social e individual possam impedir a adesão dos indivíduos à medicação, espera-se que este estudo possa oferecer um suporte para a aceitabilidade da PrEP pelas populações de risco, em especial às profissionais do sexo envolvidas neste estudo.

É importante que sejam realizadas pelas unidades de saúde intervenções comportamentais, sociais e preventivas quanto ao uso da PrEP. Para tanto, necessita-se a implantação de programas e políticas eficazes para a implementação ampla da PrEP em todas as unidades de saúde.

Este estudo não se esgota por aqui, e merece pesquisas adicionais, sejam por profissionais da área da saúde ou por acadêmicos, com a finalidade de se ampliar as publicações a respeito da temática e da população abordada. Tais publicações são de extrema relevância, pois forneceriam à população em geral o conhecimento e a importância da PrEP na prevenção do HIV.

Referências

ANDERSON PL. et al. **Pharmacological considerations for tenofovir and emtricitabine to prevent HIV infection.** J Antimicrob Chemother 2011; 66:240-50

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV.** Brasília: 2017. Disponível em: <https://telelab.aids.gov.br/index.php/.../108_f35452cfc5980ec802dce21f7ad9a915>. Acesso em: 26 ago. 2018.

GOMES, V. L. O. et al. **Percepções de casais heterossexuais acerca do uso da camisinha feminina.** Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 22-30, 2011.

GRANGEIRO, A. et al. **O efeito dos métodos preventivos na redução do risco de infecção pelo HIV nas relações sexuais e seu potencial impacto em âmbito populacional: uma revisão da literatura.** Revista Brasileira de Epidemiologia. v. 18, n. 1, p. 43-62, 2015.

GRANT, R.M. et al. **Preexposure chemoprophylaxis for HIV prevention in men who have sex with men.** N Engl J Med. v. 363, p. 2587-99, 2010.

GREENE, G.J et al. **Intimacy, monogamy, and condom problems drive unprotected sex among young men in serious relationships with other men: a mixed methods dyadic study.** Arch Sex Behav, v.43, n. 1, p. 73-87, 2014.

HALLAL, R.C. et al. **Estratégias de prevenção da transmissão do HIV para casais sorodiscordantes.** Revista Brasileira Epidemiologia. v. 18, n. 1, p. 169-182, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v18s1/pt_1415-790X-rbepid-18-s1-00169.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

LEVY, Jay. Et al. **HIV e a Patogenia da AIDS.** São Paulo: Unifesp, 2010.

MAYER, K.H. et al. **Evolving models and ongoing challenges for HIV pre-exposure prophylaxis implementation in the United States.** J Acquir Immune Defic Syndr. v. 77, p. 119–27, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29084044>> Acesso em: 04 set. 2018.

MOURA, A. D. A. et al. **O comportamento de prostitutas em tempos de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo?** Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis, v.19 n.3 p. 545-53. 2010.

NIKOLOPOULOS, G.K. et al. **Pre-Exposure Prophylaxis for HIV: evidence and perspectives.** Curr Pharm Des. v. 23, p. 2579–91, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28356043>>. Acesso em: 04 set. 2018.

PAIVA, L. L. et al. **A vivência das profissionais do sexo.** Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 467-476, jul/set 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a10v37n98.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

POGETTO, M. R. B. et al. **Prevalência de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres profissionais do sexo, em um município do interior paulista, Brasil.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 19, n. 3, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n3/pt_07.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018

QUEIROZ, A.A.F.L.N.; SOUZA, A.F.L et al. **Fórum PrEP: um debate on-line sobre uso da profilaxia pré-exposição no Brasil.** Cad. Saúde Pública. v. 33, n. 11, p. 1-9, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v33n11/1678-4464-csp-33-11-e00112516.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SOUZA, R.M.R.B., et al. **Percepções de mulheres profissionais do sexo sobre acesso do teste HIV: incentivos e barreiras.** Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 513-525, ABR-JUN, 2017.

WOLF, E et al. **Testes de Resistências aos anti-retrovirais. HIV medicine.** Portugal, 2006. Disponível em: <http://hivmedicine.HIVportugal.com/html/09_Resistance.html>. Acesso em: 04 set. 2018.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Towards universal access: Scaling up priority HIV/HIV interventions in the health sector: progress report 2017.** Geneva, 2017.